



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PESSOAS DO LADO DA RAÍZ AFRICANA: A MEMÓRIA RELIGIOSA NO CARNAVAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Alberto Bomfim da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: betobomfim1@gmail.com

Edson Farias
Universidade de Brasília (UNB), Brasil
Endereço eletrônico: nilosed@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa que está sendo realizada para a tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Memória PPGMLS/UESB: *As associações negras e mestiças de Vitória da Conquista entre os trânsitos políticos e culturais da carnavalização (1950-2000)*. O objetivo é analisar o papel histórico das experiências associativas negras e mestiças, e das práticas culturais por elas agenciadas. A pesquisa se justifica por abordar aspectos da sociedade conquistense que ainda não foram sistematicamente pesquisados, ao mesmo tempo em que contribui para o conhecimento histórico e o respeito à diversidade sócio cultural dessa sociedade.

Com base em autores como Henri Bergson, Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, a reflexão insere-se no campo teórico da memória, enquanto fenômeno bio-psíquico e simbólico. Como construção imersa no tema da passagem do tempo e da inscrição, no mistério da “presença de uma coisa ausente marcada pelo selo da anterioridade” (RICOEUR, 2010, p. 18), aliando, ainda, circunstâncias emocionais e pulsões condicionadas, a memória é, ao mesmo tempo, institucionalmente regulada por molduras sócio históricas. Pode-se falar em multimodalidade da memória enquanto lugar de produção de ciência, já que na atualidade, não está conformada como uma ciência específica, outrossim, atravessa as outras ciências e situa-se num campo de disputas, seja socialmente, como instrumento de poder apropriada por diferentes grupos sociais, seja academicamente, como uma área do conhecimento em construção.

Até aqui, a metodologia empregada seguiu, principalmente, dois caminhos:

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A) Entrevistas com pessoas envolvidas com os carnavais de rua, sobretudo organizadores de grupos carnavalescos, seguindo predicados da pesquisa em história oral (FERREIRA; AMADO, 2002). Aos entrevistados foram apresentadas fotografias relacionadas aos carnavais de rua, em seguida, estimulados a construir uma narrativa a partir de suas recordações sobre a festa. Buscou-se explorar das narrativas, as informações que apareciam em comum nas diferentes entrevistas.

B) Análise das mais de 1900 fotografias relacionadas ao carnaval encontradas no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista (APMVC), organizando-as por ano, séries temáticas e quantidades. Procurou-se identificar nas imagens quais sistemas simbólicos se repetiam com mais frequência, em que períodos e relacionados a quais grupos de pessoas.

O CANDOMBLÉ QUE SE INSCREVE PELAS IMAGENS

O percurso da pesquisa nos colocou, recentemente, uma pergunta: sob quais condições ocorre a emergência do “discurso” (FOUCAULT, 2013 p. 60) religioso de matriz africana no carnaval de Vitória da Conquista?

A resposta a esta pergunta deve ser enfrentada em múltiplas frentes como: a condição da existência das práticas racistas naquela sociedade às quais a memória religiosa se estabelece não apenas como contraponto, mas também em termos de negociação; as condições de produção econômica e as redes de solidariedade acionadas pelas pessoas envolvidas; a distribuição social e geográfica da festa nos espaços urbanos; os significados do candomblé de Caboclo, predominante na região; a transformação dos grupos carnavalescos em movimentos sociais negros, fundamental para o conjunto da pesquisa. Estas e outras questões importantes não encontram nesse formato exíguo de texto – resumo expandido – possibilidades de investigação. Atentaremos aqui, de modo sintético, para a importância da memória religiosa no processo de carnavalização.

É central nesta pesquisa o conceito de memória coletiva proposto por Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 2006). O sociólogo francês faz migrar para a sociologia análises sobre matéria, tempo e duração inicialmente articuladas no âmbito da filosofia por Henri Bergson, para quem o fenômeno da memória se articulava em torno da



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

“sobrevivência de imagens passadas” (BERGSON, 1999, p. 69), retomadas no presente de acordo com sua utilidade.

Para Halbwachs, “o pensamento social é basicamente uma memória, e todo o seu conteúdo é composto de memórias coletivas, mas somente aquelas memórias que a sociedade, trabalhando em seus quadros atuais, pode reconstruir, permanecem presentes na sociedade” (HALBWACHS, 2004, p. 344). A memória dos sujeitos se ancora no conjunto dos quadros sociais da memória coletiva, constituídos pelos grupos sociais com os quais nos envolvemos ao longo da vida tais como: a família, a escola, o lugar em que trabalhamos, a igreja, o terreiro, a escola de samba, o grupo carnavalesco de que fazemos parte, etc.

A inserção das religiosidades de matriz africana nesse cenário carnavalesco contribuía para o estabelecimento, afirmação e positivação de representações identitárias afro-brasileiras, indígenas e mestiças normalmente impedidas em outros eventos da vida pública conquistense. Os elementos religiosos contribuía para a estabilidade da memória dos grupos sociais que portavam plenamente ou parcialmente essas características identitárias. Conforme Halbwachs: “O rito é talvez o elemento mais estável da religião, posto que se refere a procedimentos materiais produzidos de modo permanente, sendo os rituais e o establishment sacerdotal o que lhes asseguram a uniformidade através do tempo e do espaço” (HALBWACHS, 2004, p. 256).

Na mirada do autor, é a materialidade dos ritos, a imagem fazendo parte dela, que garante a permanência de uma dada crença num quadro social de memória. Conforme diversas fontes, entre as religiões de matriz africana de Vitória da Conquista, predominou o candomblé de Caboclo, também chamado de “Catiço” (AGUIAR, 2007), variante do candomblé de nação Angola, que na África central tem pertencimento aos povos de língua Bantu.

Como a maioria das nações, o candomblé de Caboclo é uma religião de tradição oral e visual, prolífica em ritos e elementos estéticos, que foram largamente mimetizados no carnaval. Como pode ser percebido na fala do cronista Mozart Tanajura, referindo-se aos grupos carnavalescos do período que estudamos:

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

...o mais expressivo e que tem mais a cor local é o afoxé Os Filhos de Angola. Utiliza como instrumentos bateria rústica, atabaques e agogôs. Apresenta-se com porta-estandarte, balizas, tendo no centro figurantes vestidos de Xangô, Iansã e Ogum, com roupas coloridas de acordo com a cor do santo homenageado. As músicas são ligadas ao candomblé, porém suas vozes nagô já vão se aproximando do português que falamos. (TANAJURA, 1992, p. 149)

Chamamos atenção neste excerto de texto, para a importância dos usos da imagem, como elementos de estabilidade da memória das religiões de matriz africana, que, no carnaval, instrumentalizava o olhar da assistência dos desfiles, “alguns dos instrumentos mentais através dos quais o homem organiza a sua experiência visual é variável, e boa parte desses instrumentos depende da cultura” (BAXANDALL, 1991, p. 48).

A recorrência, nos carnavais, das imagens ligadas ao candomblé, como vestimentas dos orixás; a visão de instrumentos sagrados como o atabaque, búzios, pano da costa do ouro, turbantes, guias nas cores dos santos, ofás, etc., conformavam hábitos visuais capazes de produzir efeitos de sentido no olhar da assistência dos desfiles, mesmo para os mais distanciados do universo simbólico das religiões de matriz africana. Logo, a constante presença dos símbolos religiosos de matriz africana levada à rua por diversos grupos ao longo de décadas, contribuiu para formar um olhar para essas imagens.

Esses predicados culturais da leitura da imagem se estabelecem com mais força na análise das fotografias do carnaval onde se condensa a visão comum que se tem do passado carnavalesco. Para este estudo, “o pressuposto de seu tratamento é compreender os processos de produção de sentido como processos sociais” (KNAUSS, 2006, p. 100). Significa dizer que a imagem não é um depositário imóvel de informações como poderia prescrever o senso comum. Esvaziados dos símbolos, só restaria à fotografia luz e sombra, destituídos de significados.

Voltando ao excerto de texto de Tanajura, exploramos os significados da expressão “que tem mais a cor local”. Segundo uma das principais articuladoras do movimento negro da cidade, Elizabeth Ferreira Lopes Moraes¹, a popular Beta, “entre 80% e 90% das pessoas que faziam parte dos grupos de carnaval de rua, eram negras”.

¹ Entrevista com Elizabeth Ferreira Lopes Moraes, 61, professora, em 11.03.2017.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

José Carlos Mendes Correia², conhecido como pai Celi, articulador do bloco afro Raízes Negras, referendado por outros entrevistados como um agente social de relevo no carnaval conquistense, conta que quase todos os membros das entidades carnavalescas eram “pessoas do lado da raiz africana”, expressão que deu título a este texto.

As afirmações de Beta e pai Celi sugerindo uma maioria de pessoas negras e mestiças no carnaval de rua são confirmadas pela maioria dos 12 entrevistados (até o momento) e pelas mais de 100 fotografias encontradas para o período de 1954-1993. Isso faz crer que a expressão “cor local” se referia a essa composição étnico-racial da cidade, e à importância que esses grupos adquiriam nos cenários da carnavalização.

Segundo o que se descobriu até este momento, o carnaval de rua entre 1950 e 1993, era realizado, principalmente, por escolas de samba, blocos afro, batucadas e afoxés. Tais grupos possuíam, na maioria das vezes, algum tipo de vínculo com as religiões de matriz africana e transportavam consigo os ritos e símbolos destas religiões para o desfile de carnaval. As evidências apontam que esses grupos carnavalescos foram a matriz de surgimento dos movimentos negros que se desenvolveram entre o final do século XX e início do XXI.

Conclui-se que a memória das religiões de matriz africana inscrita no carnaval, sobretudo pelas imagens, socialmente construídas e historicamente demarcadas, tem significativa importância no protagonismo negro e mestiço do carnaval de rua de Vitória da Conquista.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé; Carnavalização; Memória.

FONTES

Acervo de fotografias do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista (APMVC).

TANAJURA, Mozart Tanajura. Histórias da Conquista: crônicas de uma cidade, 1992.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira. **Do púlpito ao Baquixo: religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca**. Tese (doutorado em ciências sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

² Entrevista com José Carlos Mendes Correia, pai Celi, sacerdote, 67, em 21.02.2019.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

BAXANDALL, Michael. O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. M. Galhardo. 2.ed. Algrs: Difel, 2002.

FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial; Universidad de la Concepción; Universidad Central de Venezuela, 2004.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n12, p. 97 – 115, jan. – jun. 2006.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO